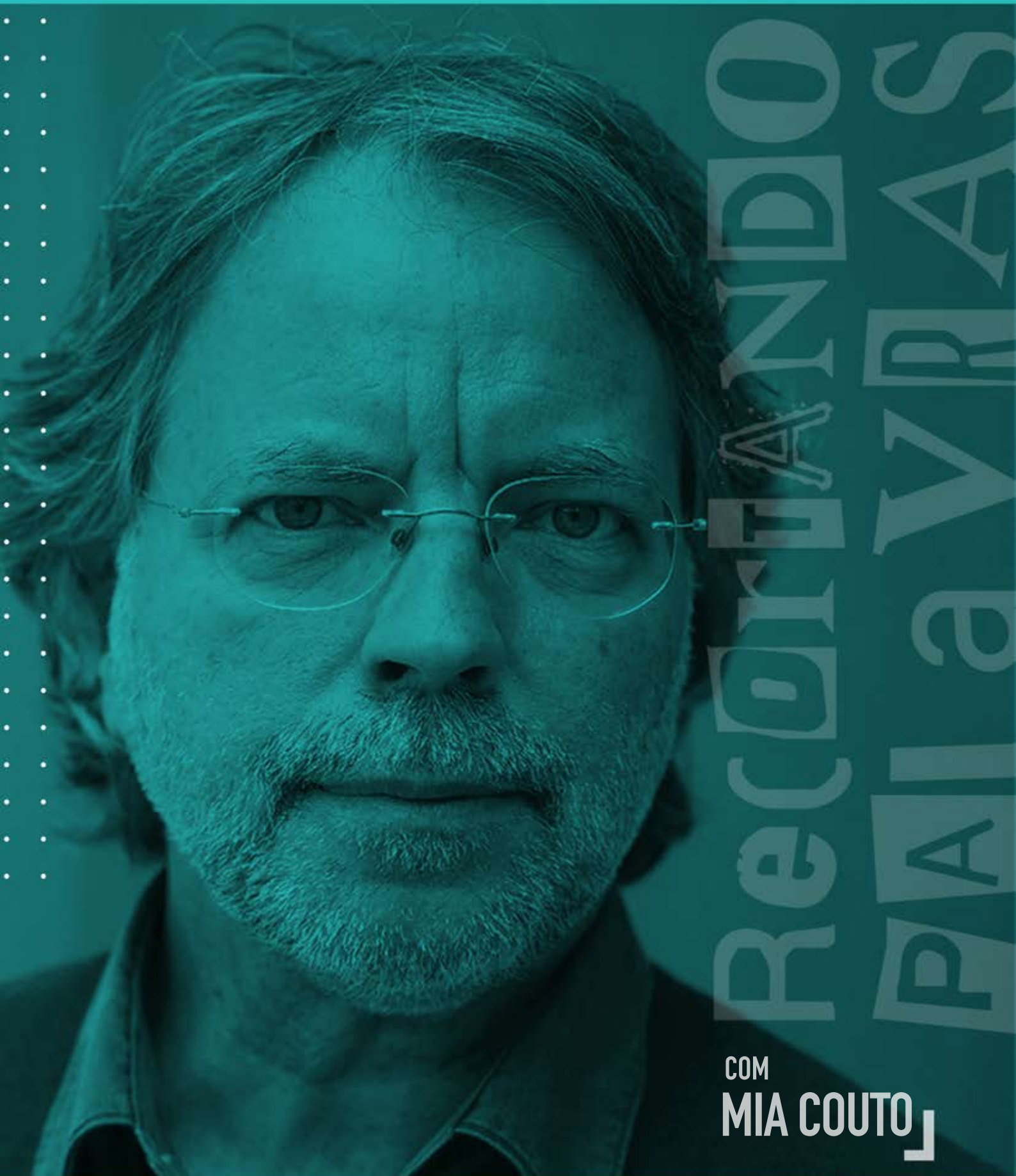


# E.E. PROFESSORA DJANIRA VELHO I



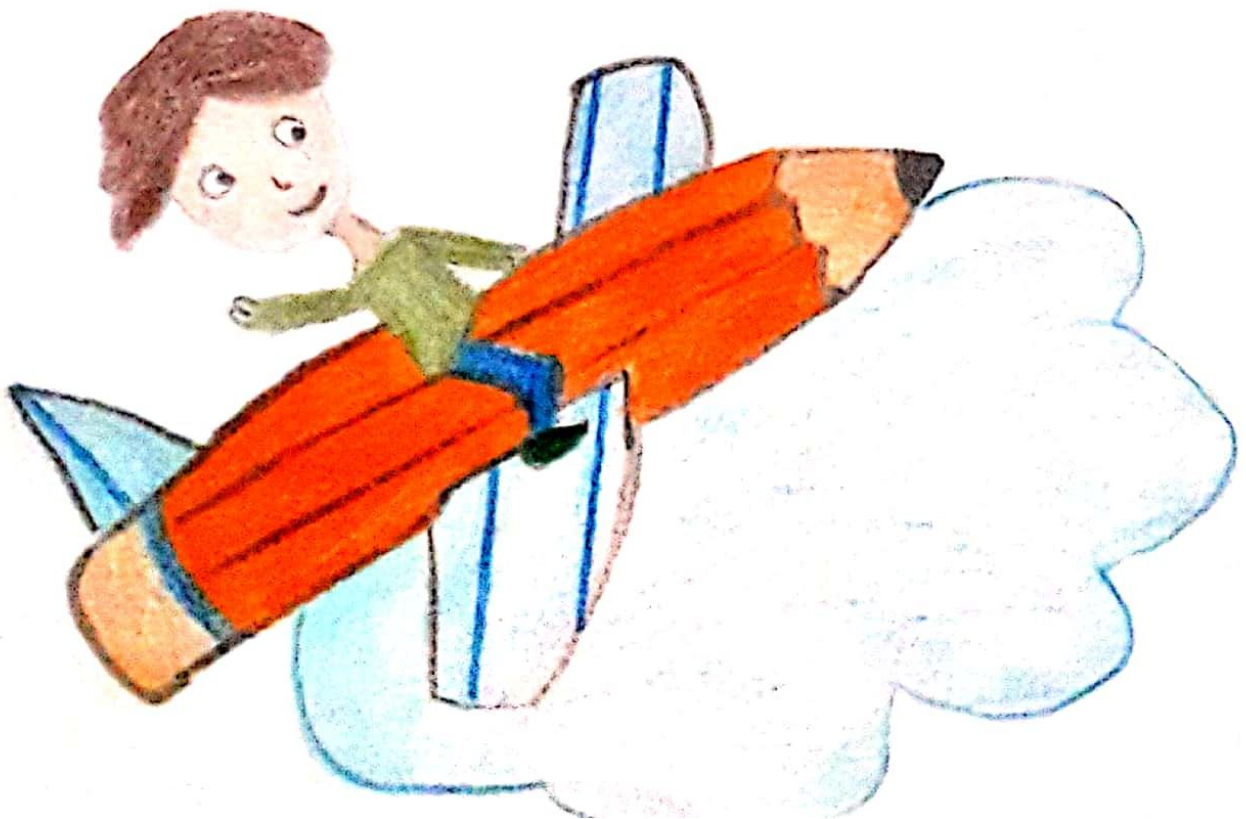
COM  
**MIA COUTO**

O

m E N I N O

Q U E E S C R E V I A

V E R S O S





Apontou o filho, como se entregasse  
criminoso na esquadra

Ele  
escreve  
Versos!



Médico levantou os olhos, por cima das lentes,  
e fez o apêndice em tempo da montanha.



O pai incomodado pelo filho escrever verso,  
exigiu que fizesse vários exames até achar  
o que estava acontecendo com o filho



O médico se dirigiu ao menino:

A mãe do menino (Jona Decafinal) aproveita o momento e pergunta: Está a ver, doutor? Está a ver?



Dói-te alguma coisa?

Dói-me a vida, doutor.



O médico voltou a erguer os olhos e a  
enfrentar o miúdo:

o que fazes  
quando te assistem  
esses deuses?



o que  
melhor  
sei fazer,  
excelência



É o  
que é?

É sonhar



O médico estranhou o miúdo. Custava a crer,  
visto a idade. Mas o meço, voz tímida, foi-se  
anunciando. Que ele, modesta apontada,  
inventara sonhos desses que já nem sabia, só  
no antigamente, coisa de bradar à terra. Exemplificava  
ria, para melhor crença. Mas nem chegou a  
começar. O doutor o interrompeu:



Não tenho  
tempo meço,  
isto aqui  
não é uma  
clínica  
psiquiátrica



A mãe, em desespero, pediu demência. O doutor que deve ao menos uma lista de erros pelo caderninho dos versos. A ler se ali catara o motivo de tão grave distúrbio. Conterpito, o médico acitou e guardou o manuscrito na gaveta. A mãe que viene na próxima semana. E trouxe o paciente.

Na semana seguinte, foram os últimos a ser atendidos. O médico, sério, taciturno: O mundo não teria, por acaso, mais versos? O menino não entendeu.



O médico chamou a mãe, à parte. Que aquilo era mais grave do que se poderia pensar. O menino corria de internamentos urgente.

Não  
Continuo a  
escrever?



Isto que pago não é  
escrever, doutor. Estou a viver.  
Tenho este pedaço de vida -  
disse, apontando um novo  
caderninho - quase a meio.



Não temos  
dinheiro - pungou  
a mãe entre <sup>dedos</sup>



Não  
Importa



Que ele mesmo assumiria os depósitos.

E que seria ele mesmo, na sua clínica, que o menino seria sujeito a devido tratamento. E assim se procedeu.

Hoje quem visita o consultório raramente encontra o médico. Morbão e tardes de sexta num recanto do quarto onde está internado o menino. Quem passa pode escutar a voz pausada do filho do mecânico que vai versos a versos, o seu próprio ceropão. E os médicos, obviando silêncio:

Não pare, meu filho. Continua lendo...

Ana Julia Palaretti da Costa

E.E. Prof.<sup>a</sup> Jonira Velho - 9<sup>o</sup> ano A